



# CULTURA



**CARIOCA DO MUNDO**

Versatilidade é a marca do novo trabalho de Zé Ricardo no CD *Vários em um*.

PÁGINA 5

ADRIANO FAGUNDES/DIVULGAÇÃO

Exposição de arte tecnologia aberta até setembro no Itaú Cultural, em São Paulo, reúne obras de artistas brasileiros como um humanoide que recita Shakespeare e aparelho que escaneia o corpo

# Eu robô, ele Hamlet, NÓS CIBORGUES

GRACIE SANTOS

Um microfone colocado do lado de fora de um prédio na Av. Paulista, em São Paulo, captura ruídos da sexta maior cidade do planeta. Eles vão direto para um ambiente imersivo com três projeções e um espelho d'água, criado no prédio do Itaú Cultural, número 149 da avenida. Lá dentro, um software programado para analisar os sons gera imagens de vegetação. Nesse lugar meio absurdo, você enxerga florestas, mas o som é da rua. Não muito longe dali, no mesmo endereço, um robô meio assustador recita Shakespeare, enquanto bem próximo um escaner (2m x 1m) copia o corpo do visitante, que pode também conhecer um autômato em busca de amigos.

O que há bem pouco tempo parecia coisa do futuro, já é realidade, e qualquer semelhança com o presente não será mera coincidência. A mostra *Rumos arte cibernética* do Itaú Cultural, em cartaz até 4 de setembro, em São Paulo, reúne 10 obras de artistas brasileiros que contribuem para confirmar a teoria da filósofa cibernética Amber Case, a norte-americana de 24 anos que anda sacudindo a poeira cósmica com sua máxima: "Somos todos ciborgues". Para Amber, estamos nos tornando ciborgues sempre que olhamos para a tela de um computador ou usamos um celular. Nos dois casos, entramos numa relação tecnossocial com um pedaço de tecnologia não humana. Assim é que celulares, carros e laptops tornaram-se ciborgues porque "os empregamos para fazer coisas que não conseguimos como simples indivíduos. Nossos corpos podem estar nos mesmos lugares, mas nossas identidades e pensamentos estão viajando pelo globo", ela afirma.

Quem cita Amber Case é Leandro Araújo, de 30 anos, mineiro formado em arquitetura e urbanismo, autor da instalação *Reações visuais*, a tal que utiliza um software de análise espectral sonora e transforma ruídos da cidade em imagens digitais da mata atlântica. É também Leandro quem conta que, em visita recente à mostra do Itaú, um grupo de crianças de 8 anos, depois de ver as imagens da mata, foi convidado a fechar os olhos, ouvir o som e dizer o que estava acontecendo. "Alguns narraram ter visto um leão, quando passou um caminhão; outros disseram sentir a presença de uma motosserra cortando a árvore ouvindo som de motocicleta", conta o artista.

O que torna todos esses trabalhos obras de arte tecnologia (cibernética, digital, interativa ou seja lá que nome possa ser empregado) e não simplesmente uma experiência científica? Como se forma um artista cibernético? E, afinal, com quantos robôs se faz uma obra de arte? Marcos Cuzziol, gerente do Itaúlab - Núcleo de Arte Cibernética do Itaú Cultural -, ajuda a clarear as coisas. Lembra que a palavra cibernética vem do grego (*kiberne-tike*) e significa governar, pilotar o navio. Ele explica: "Quando um piloto controla o navio, está interagindo com o ambiente - ondas, vento, corrente marinha. Executa um ciclo, olhando a bússola ou referência em terra. Quando percebe mudanças, age porque houve uma ação do sistema do mar com o do navio, um ciclo contínuo." Isso é cibernética, da mesma forma que duas pessoas travando um diálogo, por exemplo, representam um sistema cibernético. Cuzziol defende que essa ciência oferece forma diferenciada de entender sistemas que se relacionam, "sem fazer distinção se essa interação ocorre entre pessoas, animais ou máquinas."

O gerente do Itaúlab não conhece um artista que tenha se declarado cibernético. "A definição vem mais de quem estuda, tenta compreender o trabalho". Em todas as obras da mostra, ele explica, o conceito de cibernética usado é o de que a poética tem que passar pela interação. O conhecimento técnico é importante, não tanto para a execução (pode-se usar um técnico), mas é preciso conhecimento teórico para propor a poética obra. "A cibernética é extensão da arte que vem sendo usada durante séculos. É mais complexa que a arte tradicional, permite forma de expressão mais contundente. Não invalida as outras técnicas (vídeoarte, pintura, escultura...). A questão é que ela aumenta a paleta do artista, traz uma nova cor."

**CIRCUITO MARGINAL** Leandro Araújo acredita que a arte tecnologia esteja em local paralelo ao da arte tradicional, um circuito marginal. "Tanto que há instituições importantes, mais tradicionais, caso do Masp, da Pinacoteca e até de Inhotim e dos MAMs do Rio e São Paulo, que não têm obras de arte digital no acervo. "Ela fica num lugar sem lugar. Antes, isso me incomodava, hoje acho interessante, pois você habita espaço menos institucionalizado. Fica mais livre." Mas ele também acha que isso é questão de tempo. "Está ocorrendo mais ou menos o mesmo que o filósofo alemão Adorno (1903-1966) falou em texto do início do século passado com a fotografia, na época uma nova técnica" (veja box). E o que há no trabalho de Leandro que o torna arte e não apenas experimento científico? "Ele é poético, crítico, estético. Tem a preocupação com o deleite visual. É obra contemplativa. As projeções se parecem com paisagens pintadas. A crítica está no deslocamento do som da rua para outro ambiente, lugar absurdo, com a imagem do verde gerada pelo som poluído."

**RUMOS ARTE CIBERNÉTICA**  
Mostra aberta até 4 de setembro, de terça a sexta, das 9h às 20h; sábado, domingo e feriados, das 11h às 20h. Entrada franca. Itaú Cultural, Av. Paulista, 149, (11) 2168-1776. Informações: [www.itaucultura.org.br](http://www.itaucultura.org.br). A obra *Campo minado* é exibida ao ar livre, na Praça Alexandre de Gusmão, vizinha ao Parque Trianon, acompanhada por monitores que ajudam o visitante.

LEIA MAIS SOBRE A EXPOSIÇÃO  
PÁGINA 6



O ciborgue I, Hamlet, de Alexandre da Silva Simões, declama Shakespeare quando o visitante interage com a instalação



Amigoide, projeto do coletivo ++Cayce Pollard: robô que está em busca de amizade

## SAIBA MAIS

### O PENSAMENTO DE ADORNO

Fases de incorporação de uma nova técnica na arte:  
**1ª** - A técnica por si própria. Por exemplo, os irmãos Lumière filmando a saída dos trabalhadores das fábricas. Não há nenhum avanço na linguagem da arte, mas a própria técnica é tão inovadora que garante seu papel na historiografia.

**2ª** - A técnica nova reproduz uma técnica anterior. Por exemplo, as primeiras fotografias que retratavam naturezas mortas, reproduzindo um tema da técnica anterior, a pintura.

**3ª** - A técnica nova estabelece sua própria linguagem. Hoje em dia, não há dúvidas de que a fotografia ou o cinema trilham caminho próprio.

### O QUE É CIBERNÉTICA

Teoria dos sistemas de controle baseada na comunicação entre os sistemas e o meio ambiente e dentro do próprio sistema. Também associada ao uso de sistemas de comunicação e, consequentemente, aos seus componentes, que são vitais para troca de informações da organização com o ambiente e dentro dela mesma. Para saber mais: *Introdução à teoria geral da administração*, de Idalberto Chiavenato, Ed. Makron Books.



A instalação *Reações visuais*, de Leandro Araújo, transforma os sons da Avenida Paulista em imagens da mata atlântica

RUBENS CHIRI/DIVULGAÇÃO